

## Adendo às *Propostas de Nairóbi-Cairo (Roma, 2025)*

Comissão Permanente Interanglicana sobre Unidade, Fé e Ordem (IASCUFO)

### *Resumo executivo*

*As Propostas de Nairóbi-Cairo* (PCNsPNCs) da IASCUFO, publicadas no Advento de 2024, lançam um novo olhar sobre a Igreja como verdadeiramente una, santa, católica e apostólica, para que os anglicanos possam levar a esperança de uma nova criação ao mundo. Há muito tempo, a Comunhão Anglicana comprometeu-se a responder ao chamado de Deus para a unidade e a encontrar o nosso lugar no Corpo de Cristo. O que acontece entre nós quando reconhecemos nossa interdependência é importante para nossa integridade e eficácia local, regional e globalmente. O seguinte adendo às PCNs, desenvolvido em uma reunião em Roma em dezembro de 2025, resume o que a IASCUFO aprendeu com as respostas ao nosso documento e sugere várias revisões para consideração do ACC-19, que se reunirá em junho/julho de 2026.

*As Propostas de Nairóbi-Cairo* resumem-se a três apelos urgentes para a nossa vida comum:

- **Reconhecer mudanças nas estruturas da Comunhão desde 1930.** Quando a Conferência de Lambeth de 1930 apresentou sua descrição da Comunhão Anglicana, ela presumiu um entendimento de todas as igrejas anglicanas como reunidas em torno da Igreja da Inglaterra como mãe. Este não é o caso desde pelo menos 1968. Todas as igrejas anglicanas, incluindo a Igreja da Inglaterra, são agora irmãs. A Constituição do ACC rege a vinculação à Comunhão. Tendo em conta estes fatos, uma descrição atualizada da Comunhão permitirá a todos os anglicanos e anglicanas falar verdadeira e honestamente sobre a fé, o ministério e a missão que partilhamos.
- **Reconhecer que a comunhão entre algumas igrejas foi prejudicada, mas a verdadeira comunhão permanece, tanto como dom de Deus quanto como algo que Cristo nos chama a intensificar.** Todas as igrejas da Comunhão Anglicana estão unidas, apesar de nossas diferenças, por relações vivas umas com as outras, auxiliadas pelos Instrumentos de Comunhão. Não somos definidos pelas decisões de nenhuma igreja- membro individualmente. Este fato permite-nos articular a nossa comunhão de várias maneiras e caminhar juntos no mais alto grau possível. Encoraja-nos a ser honestos/as sobre as nossas divisões e a dar espaço uns/umas aos/às outros/as em amor.
- **Garantir que a liderança da Comunhão reflita a Comunhão.** Isso significa reconhecer o fato de que o Conselho Consultivo Anglicano e a Reunião dos Primazes, bem como a Conferência de Lambeth, complementam e completam o ministério singular do Arcebispo de Cantuária na Comunhão. O ACC incorpora vozes e liderança leigas: propomos que essas contribuições sejam aprimoradas. Os primazes regionais já auxiliam o Arcebispo de Cantuária em seu ministério na Comunhão: propomos que o caráter colegiado desse ministério compartilhado seja aprofundado.

Reconhecer a necessidade de mudança e agir de acordo com ela aumentará a integridade do nosso testemunho, promoverá a colegialidade entre os nossos líderes e amplificará as vozes anglicanas em contextos ecumênicos e seculares. Isso nos permitirá nos livrar de parte do fardo do colonialismo, ao mesmo tempo em que celebramos uma herança teológica e sacramental compartilhada, da qual o ministério do Arcebispo de Cantuária é testemunha. E isso incentivará todas as igrejas anglicanas, mesmo em meio a sérias divergências, a falar e incorporar uma palavra de esperança e cura em um mundo dilacerado pela violência e pelo desespero.

## Introdução

1. Desde a publicação *das Propostas de Nairóbi-Cairo* (PCNs) no Advento de 2024, os membros da Comissão Permanente Interanglicana sobre Unidade, Fé e Ordem (IASCUFO) consideraram cuidadosamente as respostas formais que recebemos. A IASCUFO continuou a consultar regularmente o Comitê Permanente do Conselho Consultivo Anglicano, que inclui o Comitê Permanente da Reunião dos Primazes, também conhecido como “primazes regionais”. Também conversamos várias vezes com a nova Arcebispa de Cantuária, Sarah Mullally, bem como com parceiros ecumênicos.

2. Em nossa reunião em Roma, em dezembro de 2025, refletimos sobre essas conversas, juntamente com a análise de um documento publicado recentemente pelo Dicastério para a Promoção da Unidade dos Cristãos, intitulado *O Bispo de Roma: Primazia e Sinodalidade nos Diálogos Ecumênicos* (2024). Vimos que a Igreja Católica está reformulando sua teologia do papado, incluindo as afirmações do Concílio Vaticano I (1869-1870), à luz de novas circunstâncias e novos discernimentos, especialmente com outros cristãos e igrejas.

3. A Comunhão Anglicana está igualmente envolvida numa reavaliação e reformulação da sua história e das suas afirmações, a fim de responder fielmente ao chamado do Espírito à unidade. A Comunhão Anglicana mudou enormemente nos últimos 100 anos, especialmente por meio de sua crescente compreensão da igualdade de todas as igrejas-membro. Nenhum membro é mais “indispensável” do que os outros (1 Co 12.22), embora velhos hábitos coloniais sejam difíceis de quebrar em todos os lados. Todos/as são irmãos e irmãs e todos/as são encorajados/as a investir em sua comunhão, uns/umas com os/as outros/as.

4. Os PCNs relatam a história e a teologia desses desenvolvimentos na Comunhão Anglicana, mapeando-as em uma compreensão da Igreja como persistentemente una, santa, católica e apostólica (ver NCP, §§24-71). Fundados nessa fé e ordem, os PCNs procuram oferecer uma estrutura frutífera e uma direção provisória para a próxima etapa da vida conjunta anglicana, sem pretender resolver todos os problemas ou antecipar questões futuras. Um dom do anglicanismo continua sendo nossa “variabilidade” baseada em princípios (ver NCP, §60ff.), como uma oferta de esperança no Evangelho que nós, com todos os cristãos, compartilhamos urgentemente com o mundo.

- Existe apenas **um** corpo de Cristo, cuja unidade é, ao mesmo tempo, um *dom* do Espírito Santo e um *chamado* que deve ser respondido por cada geração. Os anglicanos e anglicanas (e outros cristãos e cristãs) são simultaneamente unidos em Cristo pelo batismo e pela fé e chamados a uma comunhão ainda mais completa, plena e visível (ver NCP, §§25-29).
- As nossas disputas atuais centram-se em como deve ser uma vida **santa** e, ao mesmo tempo, representam uma oportunidade para nos relacionarmos mutuamente da forma mais santa e piedosa possível. Ao ouvirmos com atenção e caridade, demarcarmos divergências conscienciosas com respeito e recusarmos coagirmo-nos mutuamente, investimos na única comunhão que procuramos cultivar, mesmo quando a encontramos ferida pelas nossas divisões (ver NCP, §§40-48).
- Ouvimos o chamado das Escrituras e da Igreja antiga ao testemunho **católico**, que inclui o espaço no qual as disputas e o discernimento inter e intraeclesiais ocorrem a caminho de sua resolução. A comunhão dos batizados é um corpo misto de peregrinos, sustentado pela vida comum sacramental e sinodal e capacitado pela graça a perseverar até o fim (ver NCP, §§49-57).
- Também ouvimos o chamado à fidelidade **apostólica**, que se refere à verdade da fé dada por Deus nas Escrituras e discernida pelos bispos e concílios da Igreja. O caráter apostólico da fé cristã é sempre renovado à medida que é ensinado e recebido

de novo e proclamado como a Boa Nova de Jesus Cristo para as nações — em “Jerusalém, na Judeia, na Samaria e até aos confins da terra” (Atos 1.8) (ver NCP, §§58-71).

5. Com base nessas marcas antigas da Igreja e em referência contínua a elas, nós, como Comissão, voltamos às duas propostas principais dos PCNs.

#### *Primeira Proposta: Descrição revista da Comunhão Anglicana*

6. Após novas reflexões e conversas, nós — com o Comitê Permanente do ACC e dos Primazes — continuamos confiantes em nossa primeira proposta de uma descrição atualizada da Comunhão Anglicana para refletir sua estrutura e realidade atuais (ver NCP, §73ff.).

##### *(i) O caráter da comunhão*

7. Não podemos supor uma plena comunhão entre todas as igrejas anglicanas, mas ela deve ser buscada. As implicações bíblicas, teológicas, sacramentais, sociais e missiológicas da *comunhão (koinonia)* devem inspirar e guiar continuamente nosso pensamento, oração e ação como cristãos/ãs e igrejas anglicanas, ainda mais profundamente do que até agora. É por isso que a *plena* comunhão na única fé e ordem católica e apostólica não pode ser simplesmente reivindicada, como se já tivesse sido alcançada. Ao mesmo tempo, não temos a liberdade de nos contentar em sermos uma associação ou federação acidental. A unidade e a catolicidade essenciais da Igreja, fundadas no batismo e na fé comum, devem ser fortalecidas de todas as maneiras possíveis. Os PCNs enfatizam os laços anglicanos de (i) herança comum de fé e ordem, incluindo liturgia e direito canônico, (ii) serviço mútuo em missão, (iii) compromisso de aconselhar-se mutuamente e (iv) conexão histórica com a Sé de Cantuária, tanto no passado quanto no presente. Esses laços nos colocam no caminho da comunhão, por mais imperfeito que seja (NCP, §76), e nos ajudam a “não abandonarmos nossas reuniões, como é costume de alguns, mas encorajarmo-nos uns aos outros, tanto mais quanto vemos o Dia se aproximando” (Hb 10.25).

8. Procurar defender e propagar a fé e a ordem católica e apostólica não implica implica em ou pretende diluir a tarefa urgente e perene da Igreja de revelar e articular a verdade ortodoxa do Evangelho, nem uma intenção meramente subjetiva. Desejamos representar os ideais da Comunhão Anglicana de uma forma realista e esperançosa. Como escrevemos no Apêndice dos PCNs, “as igrejas da Comunhão *buscam* defender e propagar uma única fé e ordem porque ‘todos/as nós’ somos chamados/as a crescer na ‘unidade da fé’ (Ef 4.13) (ver §51, acima)”. A plena comunhão não é fácil, mas é aquilo pelo que nosso Senhor orou e priorizou na noite em que foi traído (ver NCP, §17; cf. §76). Perseveramos, portanto, mesmo quando muitos imaginam que tal unidade nunca poderá ser alcançada, que nossas diferenças e divisões nos venceram e que precisamos simplesmente concordar em discordar. Precisamos encontrar meios justos e flexíveis de continuar a lidar com nossas diferenças com caridade. Precisamos perguntar o que significa “dar espaço uns aos outros” (NCP, §§35-39). Fazemos isso para podermos caminhar juntos e não separados, mesmo quando isso implica caminhar “a distância” (NCP, §§44-48). Essa caminhada variada nos ajudará a “buscar, de forma interdependente, promover o mais alto grau de comunhão mútua possível” (NCP, §76).

(ii) *Ligação histórica com Cantuária*

9. Na Conferência de Lambeth de 1930, os bispos reunidos descreveram a Comunhão Anglicana como “uma comunhão... de dioceses, províncias ou Igrejas regionais em comunhão com a Sé de Cantuária” (resolução 49). Essa declaração decorreu de uma visão da Comunhão Anglicana como uma reunião de igrejas definida pela sua “plena comunhão com *algreja da Inglaterra*”, como escreveram os bispos em sua encíclica (NCP, §§12, 74, ênfase adicionada). O século seguinte, no entanto, viu desenvolvimentos significativos em nossa compreensão coletiva do que significa ser anglicano, principalmente com a fundação do Conselho Consultivo Anglicano em 1968 e da Reunião dos Primazes em 1978. Estes terceiro e quarto Instrumentos de Comunhão, agora inseridos na Constituição do ACC (NCP, §§70, 74), trabalham em parceria com o Arcebispo de Cantuária (como primeiro instrumento, que remonta a 597) e a Conferência de Lambeth (como segundo instrumento, de 1867).

10. Como observam os PCNs, a Igreja da Inglaterra e o Arcebispo de Cantuária nunca serviram como “tribunal de recursos ou porta-voz singular em meio a conflitos e discordâncias”; isso “contrariaria a igualdade e a mutualidade” das igrejas-membro da Comunhão (NCP, §63; cf. §78). Em vez disso, a Comunhão reafirmou, repetidamente, seu interesse inicial no “episcopado histórico, adaptado localmente nos métodos de sua administração às necessidades variáveis das nações e dos povos chamados por Deus para a Unidade da Sua Igreja”, nas palavras do Quadrilátero de Chicago-Lambeth de 1888 (NCP, §§57, 60). A partir da sua rica experiência como “aconselhamento em comum dos bispos” como um colégio não centralizado e não coercitivo de iguais (LC 1930, res. 49; ver PCNs, Apêndice), as Conferências de Lambeth de 1968 e 1978 iniciaram o ACC e a Reunião dos Primazes como parceiros complementares. Trabalhando conjuntamente, os quatro Instrumentos buscariam articular a fé e a ordem anglicanas, fundados em um amplo consenso sobre as Escrituras e nossas tradições comuns como base para a unidade na missão.

11. Lembrar essa evolução da Comunhão Anglicana no último século nos ajuda a compreender a conexão viva com a Sé de Cantuária que todos os anglicanos compartilham. Descrever essa conexão como “histórica” não a relega de forma alguma à história. Assim como a expressão *episcopado histórico* se refere a uma instituição antiga que molda a vida da Igreja hoje, a *conexão histórica* com Cantuária aponta, ao mesmo tempo, para (i) as origens missionárias de muitas igrejas da Comunhão, (ii) o lugar da Sé de Cantuária como símbolo da antiga apostolicidade e (iii) à relação contínua com o Arcebispo de Cantuária como Instrumento da Comunhão, que é um dom pessoal e pastoral, embora precise ser recebido (NCP, §§76, 78-79, 85-86). O Arcebispo é, portanto, “convidado a servir, incentivar e persuadir, como irmão ou irmã entre irmãos e pares, particularmente no colegiado da Conferência de Lambeth e na Reunião dos Primazes”, que “assumem responsabilidades colegiais e comunitárias pela fé e pela ordem da Comunhão” (§§86, 78; cf. §§85, 62).

12. Uma vez que o Arcebispo de Cantuária serve como “o primaz de uma igreja particular com sua própria estrutura e doutrina, que pode ou não ser compartilhada plenamente por todas as outras igrejas da Comunhão”, a plena comunhão com Cantuária pode nem sempre ser possível para todas as igrejas-membro (NCP, §63; cf. §§7, §79). Mais uma vez, todos os anglicanos devem procurar fortalecer a comunhão que partilhamos de todas as formas possíveis. Ao mesmo tempo, a IASCUFO acredita que a Comunhão Anglicana deve regozijar-se com o fato de que muitas de suas redes não são centradas em nem organizadas por Cantuária ou pela Igreja da Inglaterra — ou por qualquer outra igreja-membro (ver NCP, §§56, 68). Esses grupos policêntricos sustentam suas próprias iniciativas e buscam enriquecer a Comunhão Anglicana, bem como o Corpo de Cristo em geral.

13. Apesar da conexão da Comunhão com Cantuária, a Igreja da Inglaterra não pode

carregar a fé da família anglicana, nem deve ser solicitada a fazê-lo. O chamado sagrado da comunhão deve ser respondido igualmente por todos/as e encarado com a máxima seriedade. As igrejas da Comunhão são chamadas a buscar o mais alto grau de comunhão possível, não o grau mais baixo que seja tolerável (ver NCP, §31ff.). Mais uma vez, o ministério de unidade do Arcebispo de Cantuária complementa os outros Instrumentos.

### *Segunda proposta: Liderança alargada dos Instrumentos*

14. Em relação à segunda proposta principal dos PCNs, a nossa questão permaneceu a mesma mesma. O ministério pessoal e pastoral do Arcebispo de Cantuária na Comunhão pode ser “auxiliado e ampliado” com a ajuda dos primazes regionais que formam o Comitê Permanente dos Primazes? Esta foi a sugestão da Reunião dos Primazes em 2024, que ajudou a moldar a segunda proposta tal como apresentada (NCP, §82; cf. §63).

15. Argumentar que “a liderança da Comunhão deve se parecer com a Comunhão” (NCP, §85) é levantar questões de equidade, justiça, contextualidade e missão, bem como questões de identidade anglicana. Isso poderia marcar uma evolução natural para explorar o chamado, a reunião e a representação compartilhadas como expressão da igualdade e do respeito mútuo (ver NCP, §§63, 68, 74). Dessa forma, a Comunhão como um todo, incluindo a Igreja da Inglaterra, também poderia continuar a crescer para além de sua antiga mentalidade colonial e reconhecer o caráter policêntrico do cristianismo global (ver NCP, §§18-21). Aqui, gostaríamos de propor dois refinamentos à segunda proposta dos PCNs.

#### *(i) Compartilhamento colegiado do primeiro Instrumento*

16. À luz do feedback útil que recebemos e após novas conversas com todo o Comitê Permanente do ACC e a Arcebispa Sarah, a IASCUFO deseja propor uma revisão da primeira parte de nossa segunda proposta, relativa à perspectiva de uma “presidência rotativa do ACC” (§84). Bons questionamentos (de várias perspectivas) foram feitos sobre potencial rivalidade com o Arcebispo de Cantuária, inconsistência geográfica e/ou de diversidade teológica na “face” do presidente e financiamento e assessoramento potencialmente irregulares do cargo. *Uma abordagem preferível seria simplesmente o Arcebispo de Cantuária convidar os primazes regionais (que compõem o Comitê Permanente dos Primazes) para compartilhar seu ministério na Comunhão de forma colegiada e começar a pensar em formalizar tal arranjo em uma espécie de conselho. Isso poderia ocorrer ao longo de um período de 3 a 6 anos.*

17. Observamos anteriormente o padrão “cada vez mais colaborativo” e colegial do ministério entre os Instrumentos e constatamos que “pelo menos desde 2016, os primazes têm se revezado na presidência das sessões da Reunião dos Primazes, e o Comitê Permanente dos Primazes tem ajudado a definir as agendas com antecedência” (NCP, §83). O Arcebispo Justin Welby também pediu aos primazes regionais que prestassem apoio pastoral às igrejas em cada uma de suas regiões, quando tal apoio fosse solicitado. Em seu último dia no cargo (6 de janeiro de 2025), o Arcebispo Justin escreveu ao Secretário Geral para solicitar que, em sua ausência, os primazes regionais assumissem todos os aspectos do ministério do Arcebispo de Cantuária na Comunhão. Esses foram desenvolvimentos significativos e positivos do ministério do Arcebispo de Cantuária, mas eram provisórios e dependiam do discernimento de um único arcebispo.

18. Vemos várias vantagens em formalizar os últimos desenvolvimentos:

- O comitê permanente da Reunião dos Primazes (também chamado de primazes

regionais) poderia continuar a compartilhar o ministério pastoral do Arcebispo de Cantuária como primeiro Instrumento a serviço da família global.

- Cada primaz do conselho primacial proposto poderia representar a Comunhão (como faz o Arcebispo de Cantuária) em diferentes contextos, tais como a inauguração de uma nova província ou a instalação de um novo primaz.
- Em tais ocasiões, o primaz relevante representaria precisamente a Comunhão Anglicana e não funcionaria como um delegado do Arcebispo de Cantuária. Isso decorre do princípio da face diversificada da Comunhão, que não deve ser sempre a face da Igreja da Inglaterra.
- O Arcebispo de Cantuária poderia continuar a servir como representante presumível da Comunhão na maioria dos contextos ecumênicos, mesmo que a opção de recorrer a outros pudesse se revelar útil (cf. NCP, §88).
- A forma prática deste ministério partilhado teria de ser discernida ao longo do tempo pelo Arcebispo de Cantuária e por seus ou suas colegas, à medida que aprofundam a sua cooperação mútua desta maneira. Isto poderá também incluir uma revisão da atual configuração das cinco regiões.

19. *Caso esta proposta seja aceita pela Arcebispa e primazes regionais, sugerimos que eles determinem sua estrutura, nome e atribuições. Seria apropriado que o ACC-19 recomendasse tal desenvolvimento.*

#### *(ii) Presidente do ACC*

20. O ACC-19 também pode abrir caminho para a proposta acima, reexaminando o papel do presidente do ACC, atualmente ocupado pelo Arcebispo de Cantuária (ver NCP, §85). Como observamos anteriormente, o presidente do ACC desempenha um papel amplamente simbólico e *ex officio* (§84). Após uma reflexão mais aprofundada, a IASCUFO acredita que o papel do Presidente introduz um nível desnecessário de complicação, tendo em vista os cargos de Diretor [*Chair*] e Vice-Diretor [*Vice-Chair*]. No funcionamento atual do ACC, seria impensável dizer: “não podemos fazer isso porque o Presidente quer”. A Constituição do ACC também estipula que o Presidente não precisa estar “presente” para que o ACC conduza seus assuntos (Artigo 7.1). *Tendo discutido esta questão com o Comitê Permanente do ACC, concordamos que a função de Presidente já não é mais útil. Como primeiro Instrumento de Comunhão, recomendamos que o Arcebispo de Cantuária continue a ser membro ex officio do ACC e do seu Comitê Permanente, com direito a voz e voto, juntamente com os outros cinco membros primazes desse Comitê Permanente.*

21. Vemos várias vantagens nessa mudança:

- A eliminação da função de presidente permitirá ao ACC simplificar a sua estrutura e esclarecer a função do Diretor [*Chair*].
- Tal mudança está de acordo com as propostas e a fundamentação da IASCUFO no que diz respeito ao fortalecimento da liderança leiga no Comitê Permanente (NCP, §94).
- O Arcebispo de Cantuária já trabalha em conjunto com o ACC e seu Comitê Permanente, incluindo seus cinco membros primazes, de forma colegiada.
- O status quo dificulta o trabalho do Escritório da Comunhão Anglicana (entre outros), que tem a responsabilidade de servir igualmente todas as igrejas da Comunhão, como mediador honesto e servidor da unidade.

22. *Caberá ao ACC-19 considerar se, junto com outras revisões à sua Constituição, deseja eliminar o papel de Presidente. Conforme observado nos PCNs (ver §89), as opiniões da*

*Arcebispa de Cantuária serão extremamente importantes, sobretudo porque ela permanecerá como Presidente do ACC, a menos e até que a Constituição seja alterada.*

## *Conclusão*

23. Quando os anglicanos acordam pensando em suas igrejas, eles geralmente, e com razão, concentram-se em suas paróquias e dioceses locais. Buscamos ver e servir a Jesus em nossas comunidades, ouvir o Evangelho e vivenciar a cura, o ensino, a justiça e muito mais, ao lado de nossos amigos, familiares, vizinhos, empresas e nações. Alguns de nós nos concentramos em *como* os anglicanos fazem isso — por meio de nossa adoração, das marcas de nossa missão e de nossa contribuição para o Corpo de Cristo mais amplo. Poucos de nós fazemos de nosso trabalho diário refletir sobre as estruturas de nossa Comunhão ou como os Instrumentos funcionam. No entanto, essas estruturas têm o potencial de melhorar ou inibir a forma como compartilhamos a comunhão de Jesus Cristo em nossas igrejas em todo o mundo.

24. *As Propostas de Nairóbi-Cairo* — agora prospectivamente revisadas em vista dos refinamentos acima mencionados feitos em nossa reunião em Roma — tentam imaginar a Igreja de novo como verdadeiramente uma, santa, católica e apostólica, para que os anglicanos possam levar a esperança de uma nova criação ao mundo. A Comunhão Anglicana continua comprometida em responder ao chamado de Deus para a unidade e em encontrar nosso lugar no Corpo de Cristo. O que acontece entre nós, ao reconhecermos nossa interdependência, é importante para nossa integridade e eficácia local, regional e globalmente.

25. As propostas resumem-se a três apelos urgentes à nossa vida comum:

- Reconhecer mudanças nas estruturas da Comunhão desde 1930.
- Reconhecer que a comunhão entre algumas igrejas foi prejudicada, mas que a verdadeira comunhão permanece, tanto como dom de Deus quanto como algo que Cristo nos chama a intensificar.
- Garantir que a liderança da Comunhão se pareça com a Comunhão.

26. Reconhecer a necessidade de mudança e agir em conformidade aumentará a integridade do nosso testemunho, promoverá a colegialidade entre os nossos líderes e amplificará as vozes anglicanas tanto em contextos ecumênicos como seculares. Também encorajará todas as igrejas anglicanas, mesmo em meio a sérias divergências, a falar e a encarnar uma palavra de esperança e cura.

27. Se optarmos por não nos envolvermos com a necessidade de mudança e, em vez disso, tentarmos manter o status quo, estaremos, na verdade, recusando-nos a lidar de forma honesta e construtiva com nossos problemas e aumentando a probabilidade de uma divisão mais conflitiva. Diante dessa realidade, podemos nos animar ao lembrar que a Igreja está sempre se reformando. Testes e explorações contínuas serão necessárias e devem ser antecipadas, até que nosso Senhor retorne. Devemos, portanto, manter nossas estruturas com leveza, reconhecendo sua provisoriabilidade apropriada a serviço da cura do único Corpo.

28. Como Michael Ramsey escreveu de forma memorável no final de seu grande livro, *O Evangelho e a Igreja Católica* (publicado em 1936, 25 anos antes de se tornar Arcebispo de Cantuária), as “credenciais” do anglicanismo “são sua incompletude, com a tensão e sofrimento em sua alma. Ele é desajeitado e desorganizado, confunde a ordem e a lógica. Pois ele não foi enviado para se recomendar como ‘o melhor tipo de cristianismo’, mas, por sua própria fragilidade, para apontar para a Igreja universal na qual todos morreram” (ver

NCP, §60).

29. Olhando para os meses e anos à frente, oremos para que as igrejas da Comunhão Anglicana possam encontrar maneiras de continuar juntas em boa consciência com a devida latitude, dentro da estrutura estabelecida pelos quatro Instrumentos. Oremos para que possamos encontrar maneiras de nos encorajar mutuamente no amor, tanto na “unidade da fé” quanto no “conhecimento do Filho de Deus, até a maturidade, até a medida da estatura completa de Cristo” (Ef 4,13).